

Os Animais Pensam

© Bernardo Thomas Sixel
Maio 2008

Revisão Maria Bertalot

O que podemos dizer em relação a esta questão?

Há amantes da Natureza que dizem que sim e consideram negar este fato como uma afronta à dignidade dos nossos co-irmãos não humanos. Aliás, nesta visão os humanos não passam de bípedes providos com órgãos de fala, podendo assim transmitir seus pensamentos aos outros. Em hipótese, bastaria fornecer aos animais um meio de comunicação, e desta maneira, sim, poderíamos talvez concluir que eles pensam.

Ora, respeitar a dignidade do outro é reconhecer sua natureza intrínseca e não, como se supõe, ser superior, ou ter pena dele ou querer elevá-lo ao nosso nível.

Esta devoção e o amor ao “aparente inferior” são expressos de maneira belíssima num poema de Christian Morgenstern:

Optamos por publicar duas versões do Verso de Christian Morgenstern, pois muitos termos escritos em alemão não tem correspondente em português, principalmente quando se trata de poemas. Fica, então, ao critério do leitor fazer a imagem deste maravilhoso verso.

Die Fußwaschung

Ich danke dir, du stummer
Stein,
und neige mich zu dir
hernieder:
Ich schulde dir mein
Pflanzensein.

Ich danke euch, ihr Grund und
Flor,
und bücke mich zu euch
hernieder:
Ihr halt zum Tiere mir empor.

Ich danke euch, Stein, Kraut
und Tier,
und beuge mich zu euch
hernieder:
Ihr halt mir alle drei zu Mir.

Lava pé

(fala a Planta)
Eu te agradeço, tu Pedra
muda,
e inclino-me a ti:
Eu te devo ser Planta.
(fala o Animal:)
Eu vos agradeço, vós solo
e flora
e inclino-me a vos.
Vos me ajudaram subir ao
animal
(fala o Homem)
Eu vós agradeço, pedra,
erva e animal,
e encurvo-me a vos:
Vos três me ajudaram a
mim.
(Falamos os Anjos)
Nós te agradecemos, tu
criança homem

O Lava-pés

(Fala a planta)
Ó muda pedra, em
reverência
a ti me inclino e agradeço:
devo-te a végeta
existência.
(Fala o animal)
A vós sou grato, ó solo e
flora,
e a vós me curvo: me
elevastes
ao animal que sou agora.
(Fala o homem)
Ó pedra, erva e animal,
reverencio-vos, tão grato
à tripla ajuda a este mortal!
(Falamos os anjos)
Criança humana, a ti
propomos
a nossa grata admiração:

Wir danken dir, du
Menschenkind,
und lassen fromm uns vor dir
nieder:
weil dadurch, daß du bist, wir
sind.

Es dankt aus aller Gottheit Ein-
und aller Gottheit Vielfalt
wieder.
In Dank verschlingt sich alles
Sein.
Christian Morgenstern

e acomodamos-nos
piamente na tu frente
Por sendo tu, nos somos.

(Falamos o cosmo e a pedra)
Agradece-se a partir de
toda Divindade una e toda
Divindade múltipla.
Enlaçando-se no agradecer
todo ser.
Trad, Frederico Mueller

pois porque és, nós
também somos.

(Falamos o Cosmo e a pedra)
Da divindade, una ou
plural,
emana a gratidão, que
enlaça
a esfera do existencial.
Trad. Jacira Cardoso

Nesta visão, que é uma concepção da Antroposofia de Rudolf Steiner, o aparente inferior se revela como superior e os correspondentes seres espirituais, em reconhecimento, se inclinam em adoração. Uma elevação prematura de um nível inferior para um superior seria uma rejeição do sacrifício e destruição da evolução, uma clara conseqüência da sedução de Lúcifer.

A estrutura da evolução por necessidade intrínseca é piramidal.

Contudo, logo estamos sendo abordados por uma sedução contrária: O ápice da pirâmide somente é Uno, e cada um de nós quer, a todo custo ser este um, e assim teremos de eliminar os nossos concorrentes, ou achar uma maneira mais eficaz de usar o outro como degrau sobre o qual eu posso subir. Uma imagem nada bela, pois em vez da admiração e gratidão reina desprezo e ódio. Estamos, portanto sendo confrontados por Arimã.

Enquanto Lúcifer tem pena das criaturas, Arimã as despreza. No meio está o Cristo, o verbo, a idéia da criação, o Amor. Amar quer dizer reconhecer como cada indivíduo contém em si o Verbo, isto é, como cada categoria se harmoniza dentro do todo para que este todo possa realizar a Idéia.

Esta tarefa foi epistemologicamente fundamentada por Rudolf Steiner na sua obra < O MÉTODO COGNITIVO DE GOETHE > (GA 2) e ampliada na sua <A CIÊNCIA OCULTA> GA 13). Mas também de maneira completamente independente por nosso Farias Brito (O Mundo interior 1914).

Com estes dados espirituais podemos desenvolver os seguintes conceitos que nos esclarecem a natureza intrínseca dos seres humanos.

totalidade é designado de maneira correta como sendo o **Cosmo**, a bela harmonia (Kepler).

Segundo a Wikipedia (versão alemã), Kepler é considerado como um dos fundadores das ciências naturais modernas, entretanto sua vida foi impregnada de profundas convicções religiosas e sua visão de mundo se baseia na tradição hermética que se estendia de Pitágoras, Platão até Hermes Trismegistos, citado por Dionísio. Esta tradição considerava ações através de distâncias e harmonias que para Kepler era algo lógico, simples e claro. Suas três leis planetárias descobertas por ele, para ele não eram leis, mas sim, expressão da harmonia do mundo conferido pelo Creador à sua obra. Para ele a Natureza era um espelho no qual as idéias divinas se revelaram ao espírito humano.

A pedra como representante do cosmo não pensa, mas é pensamento concreto do Creador. Sua consciência corresponde à catalepsia humana, o puro sendo (a pura qualidade do ser). Intuindo-se neste estado de consciência, o contemplador se preenche com profunda admiração, pois se vivencia o que é doar-se por completo.

O mundo mineral ou inorgânico revela seus segredos ao espírito humano quando na contemplação se consegue discernir entre os agentes essenciais que determinam um processo e aqueles que somente o modificam. Na mecânica isto é designado como paralelogramo de forças, ou generalizado segundo Goethe: Urphenomen (Arque-fenômeno ou imagem primordial), segundo o qual se estabelece uma lei da natureza.

Ao mundo inorgânico se sobrepõe o mundo orgânico com seus reinos vegetal, animal e humano. Um corpo orgânico se forma e se modifica não somente por forças exteriores (aqui secundárias), mas principalmente por uma <Espécie> (força) inerente, mas descendente de um <Tipo> geral e universal como principio da <Vida>. A vida (prana) se organiza em complexos corpóreos vitais ou etéricos, individuais para cada exemplar da espécie, configurando, ordenando, mantendo e multiplicando o organismo.

As ciências biológicas conceberam com Hans Winkler (1920) a cibernética destes processos vitais pelo genoma, mas trata-se em verdade somente do mecanismo que a Vida usa para suas manifestações externas, mas não intrínsecas, já que uma célula fecundada só se desenvolve para um organismo acabado quando abrigado dentro de um outro organismo, isto é dentro de um complexo etérico correspondente.

Reconhecer um ente vivo exige do espírito humano uma atividade do pensar maior do que a apreensão de um arque-fenômeno. Trata-se o que Goethe designa como <Tipo>. Há dois tipos gerais na natureza orgânica. Quando a vida se manifesta mais externamente, temos o **Vegetal** e seu respectivo arque-tipo, a arque-planta (Urpflanze), ou quando a vida também se manifesta interiormente como vida anímica, em forma de sentimentos, confrontamo-nos com o **Animal**.

A mais pura manifestação da vida encontra-se na **Planta**. Ela, além do seu complexo corpóreo físico, é também provida de um complexo de vida ou etérico, que é uma organização de forças e informações. A planta é

manifestação da auto-suficiência do provir. Ela é, sem intervenção errônea humana, por sua própria natureza autotrófica, e assim a verdadeira base da nutrição. Pois mantida nesta condição, ela, por meio da alimentação é provedora de todos os segredos do Cosmo.

Sua consciência em relação à pedra se eleva à consciência do sono. Seus movimentos são somente internos como é o caso dos animais e seres humanos enquanto dormem. Estes movimentos se manifestam como tropismos e atribuir uma vida sensitiva a estes fenômenos (Francé, Raoul H. 1919), é algo parecido como querer atribuir um pensar próprio ao animal, ou a uma ratoeira armada (Rudolf Steiner).

Tais conclusões errôneas se incrementaram mais ainda na célebre obra:

The Secret Life of Plants (Vida secreta das Plantas, de Peter Tompkins e Christopher Bird, 1973). Nesta obra, induções de campos eletro-magnéticos são confundidas com manifestações de sentimentos.

Sentimentos são entendidos na ciência espiritual de Rudolf Steiner como respostas a estímulos recebidos por órgãos de sentidos por um complexo corpóreo anímico ou astral. Querer atribuir este complexo ao vegetal seria ferir sua dignidade, pois impediria a manifestação física do desenvolvimento da metamorfose também em estado adulto. Baseia-se neste fato a grande diferença no crescimento do organismo vegetal com o do organismo animal, com a notável exceção da passagem da flor em fruto, quando justamente o elemento astral intervém no etérico. Tornar-se fruto é para a planta como abrir mão da sua natureza intrínseca e representa o sacrifício de ser alimento (aprofunda-se o mistério, pois se mostra Mãe + Flora = enteléquia).

Justamente pela presença e ausência do elemento astral, a vida biológica se complementa maravilhosamente. A estrutura celular da Planta é celulose, enquanto a do animal é proteína; sem o reino animal o reino vegetal iria fixar todo o carbono e no fim não existiria mais óxido de carbono na atmosfera e a vida biológica se extinguiria.

Querer atribuir sentimentos à planta é o mesmo como querer atribuir um pensar individual ao animal. E o que seria se realmente os animais pensassem? Teríamos que atribuir ao animal além dos complexos corpóreos físico, etérico e astral ainda um Eu. O Eu nasce no ser humano pela sensação do conflito que se estabelece dentro de sua consciência, entre esta e o mundo exterior. A imagem do mundo garantida pela organização astral plenamente satisfatória para o animal é insuportável para o ser humano, pois ele vivencia a instância de ultrapassar o estado da simples presença das coisas sem nenhuma conexão aparente. Ele quer não somente distinguir as coisas entre si, mas também quer saber como elas se relacionam mutuamente. O elemento que permite satisfazer esta instância é o pensar, o que lhe permite também distinguir-se do mundo como Eu.

Trata-se sem dúvida da mais nobre dádiva da natureza, mas estabelece simultaneamente uma tremenda responsabilidade. Pois está posto na mão do Homem uma luz que ilumina, isto é, traz à contemplação

aquela parte do mundo, que para os restantes sentidos seriam eternamente ocultas: O Pensar do próprio Creador, isto é, sua Idéia. A realização desta Idéia é responsabilidade nossa e QUERENDO ATRIBUIR A FACULDADE DE PENSAR AOS ANIMAIS, NÃO É OUTRA COISA DO QUE QUERER PASSAR ESTA RESPONSABILIDADE A ELES.

